

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 4



REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

COMMISSÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barrato,
Licínio Cardoso e Pedro Ivo

ABRIL DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.



REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

Revoluções do theatro no presente seculo

LIDO EM SESSÃO AO DISCUTIR-SE A THESE SUPRA
POR URBANO DUARTE (1)

(Continuação)

Convindo resumir o meu discurso, não poderei tratar senão mui perfunctoriamente d'esse assumpto, aliás de grande folego, visto como n'elle se condensa todo o movimento litterario do grande seculo que atravessamos.

Pois, dado no theatro o grande e primordial impulso, na noite memoravel da 1ª recita de Hernani, em que a rapaziada romantica (tendo á sua frente o campeão T. Gauthier) tanto judiou com os philistinos do classimo pedantesco,—pois d'esde esse dia o circulo de acção da litteratura espraçou-se immensamente, circumdando todo o arsenal das artes plasticas e do desenho. A expressão, o pittoresco, o contorno, o colorido, a concisão, substituirão á rhetorica sedica, soporifera, bolorenta, absolutamente incompativel com os ideias prenhes de mysterios e scintillações que a nova geração sentia tremeluzir-lhe no cerebro. A Revolução romantica foi para bem dizer o ricochete d'esse implacavel obuz lançado no seculo passado pela razão humana, representada no luminoso triumphato conhecido pela fórmula

(1) Precedido de um estudo prévio sobre o theatro classico francez do seculo XVII.

—Voltaire, Rousseau, Montesquieu. Obuz que mata, mas dá vida nova, obuz que obscurece para illuminar, e cuja luz bem pôde-se considerar como tendo procurado o fóco n'uma cabeça :— a cabeça de Victor Hugo. Cabeça que possui todo o genio um seculo em uma metade sendo a outra metade occupada pelas tempestades do vidente e a reflexão do Futuro. Mas não ricochetemos esse periodo, porque assim parte-se o fio do discurso. Tendo a litteratura dramatica entrado em seus verdadeiros eixos, o grande sopro Shakespeareano nunca mais abandonou-lhe, inspirando-lhe todos os meios de abalar, commover, instruir e deleitar as platéas dos paizes civilisados. Marchou triumphante pelos grandes dramas de raça, *pur-sang*, como *Hernani*, *Henrique III*, *Bay-Blas*, *Lucrecia*, etc., através o genero lacrymoso e ethereo do conde de Vigny e a dita *escola do bom senso* de Ponsard, e chegou, por uma evolução logica e inevitavel, á moderna comedia realista, de chapéo de pello e bengala, cujos apostolos: Dumas filho, Sardou, Augier, Feuillet, etc., vós todos conheceis.

Já tenho manifestado minha nulla opinião sobre o realismo. Repellimol-o dos dourados verges da poesia pura, mas comprehendemol-o e aceitamol-o em litteratura propriamente dita. Sim, o realismo no theatro e no romance, que é para uns um genero bastardo e transitorio, para outros immoral e perversivo, é sem duvida a unica fórma compativel com o espirito contemporaneo; porque a litteratura, na accepção intrinseca da palavra, é a expressão immediata da sociedade; é o baixo relevo de uma dada civilisação em uma dada época, é a evocação e dissecação da historia á luz meridiana, é o palpitar de uma época embalsamado na Poesia da tradição. E para essa dissecação, para essa escultura, convém que a penna transforme-se em scalpelo e cinzel; que descomponha e componha, que analyse com paciencia e synthetise com genio. Eis ahi. Assim, e só assim, a comprehendemos; a escola realista não é nem pôde ser uma obra de decomposição e crueza.

Tem o Ideal. Mas onde está elle? Procuremos, trabalhemos. Elle não pôde deixar de existir.

Baseadó n'essas theorias, cremol-a caracterisada e legitimada pela logica das evoluções necessarias. Se o seu halito enjôa as constituições delicadas e os paladares metuculosos, e se faz penetrar nos espiritos debeis uma grossa dôse de scepticismo moral, pergunto, que culpa tem d'isso o

artista, o escriptor? Para ser verdadeiro, incisivo, proficuo, tem elle de empregar todos os meios afim de prescrutar afanosamente as multiplas polyfurcações do polypo monstruoso que tenta a toda hora esphacelar o corpo social, o Protheu do Mal, cada dia mais complicado e perigoso. O que se deve exigir de sua parte é um esforço de poeta, um esforço d'alma possante e generoso que tenha por fim o fazer surgir, do proprio tremedal dos vicios e erros, a densa do bem e da justiça em plena integridade: o compôr a lição e o exemplo no centro mesmo dos elementos deletérios que saturam uma atmosphera corrompida e irrespiravel. Sente-se a immensa dificuldade que se apresenta para a realisação d'esse processo, que summa habilitade não será preciso dispende afim de consummar o castigo com as proprias forças do crime, fortalecendo assim a moralidade da obra sem ser preciso recorrer ao systema das apotheyoses banaes e ficticias, nas quaes o anjo do bem anda aos trambolhões com o anjo do mal até o primeiro derrubar o segundo e supplantar-o; methodo de que tanto gostavão os nossos bons bisavós.

O grande successo dos dramaturgos, senhores, e mesmo a vantagem d'estes sobre os romancistas, provém da superioridade do theatro sobre o romance. Ao passo que n'esse o terreno á explorar é vastissimo, illimitado, dando assim origem a verdadeiras creações de envolta com toda a tulha de nihilismos litterarios, o drama, isto é a vida individual e social, a luta do homem consigo mesmo e com a sociedade, choques de idéas, paixões e caracteres infinitamente variados á produzir toda a ordem de situações, o drama, digo, requer sobretudo o colorido, a concisão, e o relevo. Requer a meditação do philosopho junto a attenção do observador e ao genio do poeta. Quem em nossos dias aspira a gloria de dramaturgo ha de escrever com a mão sobre o coração do corpo social. Dumas filho confessa que as suas melhores scenas apparecerão-lhe em pleno *boulevard* e inspiradas por episodios apparentemente futeis.

O estylo, por melhor que seja, marchetado de toda especie de labores, é questão secundaria nas peças vasadas no molde da realidade; a linguagem da comedia moderna não requezita bordados. A periphrase e o appellativo, já mortos pelo romantismo, foram hermeticamente enterrados pelo realismo. O nome proprio e o *argot* mesmo utilizado com parcimonia e arte, subiram ao throno.

O fundo da obra é o desenvolvimento de uma these

social; mas—notem bem—sem este espirito de combate e propaganda immediata que tenta transformar o theatro n'uma tribuna ou n'um *meeting* popular. Que no templo sagrado da Arte, só ella, a interprete do bello em suas multiplices manifestações, só ella pôde dictar leis e marcar programmas.

A primeira condição que tem a preencher o autor dramatico é *atingir o effeito esthetico* (se assim posso chamar) e isso qualquer que seja a natureza do assumpto. Quer-se ver á luz da rampa o talento na composição e na execução. Se não ha, temos conversado. Quem não satisfizer á essa condição vital, *sine qua non*, não é dramaturgo. Será moralista, orador, pedagogo, deputado ás côrtes, mas artista, poeta, não é. E o artista-poeta é parte integrante de quem ousa escrever para o theatro.

Como já fiz sentir, alguns espiritos rabujentos e anachronicos só querem ver na moderna litteratura um hybrido e indigesto eclectismo sem mira, sem crença, sem ideal, uma degeneração do gosto capaz de provocar nausea aos legitimos sacerdotes do deslumbrante Phebo, o qual Phebo, segundo elles, inda hoje está lá a lamben nos dedos a ambrosia e o nectar immortaes; accusam a arte de ter tomado sob sua augusta e consoladora protecção o proletariado, isto é, toda essa cáfila de pobres diabos que não têm onde cahirem mortos. Com estes emperreados velhotes não se estraga rhetorica, manda-se simplesmente plantar favas. Felizmente entre nós não existem d'esses espiritos rabujentos, mas na Europa abundam.

Quem não affronta o problema de seu tempo, quem não contemporisar para poder collocar-se a altura da situação, preferindo embalar-se nas doces reminiscencias de uma idade melhor, é covarde.

Direi por fim, senhores, que a escola litteraria coêva é o unico alimento que deve ser assimilado por essa numerosa massa democratica, a qual, expurgando-se de um radicalismo exagerado, ha de um dia subir á seu posto honra pelos degrãos da sciencia, do talento, e da virtude. Deve ser ella educada no vivo sentimento das realidades da vida, afim de não deixar-se illudir pela autocracia arrogante, pela oligarchia astata o pelos prestigios do poder. Uma litteratura profusa e livre, sem ser liberrima, é a pedra de toque dos povos cultos; o theatro nacional chegou á altura de uma instituição. Assim o proclama a critica sensata e illustrada, assim o exige a civilisação sempre crescente dos povos christãos e democraticos do velho e do Novo Mundo. Tenho concluido.

O Christianismo agonisa?!

I

E' temeridade levantarmos a voz para a defeza de uma causa acostumada a ver surgir, quando ameaçada em seus alicerces, pleiades de lidadores titânicos, astros rutilantes cujas scintillações fazem esvaecer as nuvens que em torno della se apinham.

Não seremos, pois, quem deslumbrado por sua magnificencia, faça retumbar pelo orbe o brado de guerra e vá depois hastear sobre os restos pulverisados do erro, o estandarte das grandes verdades. Não, sentimos o peso esmagador da pequenez de nossos recursos: sirvam, porém, as modestas considerações que expendemos de incentivo aos athletas denodados que têm, como nós, sob a arvore frondosa do Christianismo, sorvido o doce lenitivo as decepções mundanas. A' Vós gladiadores pacíficos dos certames da intelligencia, compete a lucta; e mais uma vez o triumpho coroando Vossos esforços, entoará o hosannas dos seculos á grandiosa epopéa cantada no Golphtha, pelo mais glorioso e sublime de todos os martyres.

A verdade, irradiando sua luz divina, offuscará aquelles que ameaçam os adeptos da doutrina, que a humanidade ha dois mil annos cobre de respeito e admiração, com a horrida imagem de seu proximo desapparecimento! Aquelles que apontando-lhes um passado glorioso, os convidam, entretanto, para vibrarem nas cordas rouquenhãs da lyra utilitaria, a nenia ao morto collossal.

Mostrai mais uma vez que o Christianismo não recusa a lucta; porque esta o eleva e engrandece; porque só a recusam as escolas cujas doutrinas falsas não resistem á analyse imparcial da razão, e nem são dignas de ser submettidas á este elevado criterium. Demais, elle tem visto cair a seus pés os gladios bipartidos dos adversarios cyclopicos que o têm accommettido.

A philosophia que atravessára os seculos zombando da onda impetuosa de inimigos formidaveis, não abandonará tão facilmente os arraiaes de suas bellas conquistas, e com elles a

ultima esperanza d'aquelles que entrevêm alguma cousa de absoluto e immutavel, atravez as contingencias da materia.

II

Os sectarios da Philosophia Positiva, a quem respeitamos como defensores que são de uma idéa, soltam aos quatro ventos do mundo este brado desanimador: — O Christianismo agonisa! — e nos arroubo de febril enthusiasmo tecem-lhe a mortalha gigantesca. Isto é a nosso ver ha allucinação; entretanto procuram fazer crer, para justificar tal sentença, que esta philosophia é um espantallo á civilisação; barreira anteposta ao progresso; rochedo onde a humanidade, Prometheu acorrentado, soffre impassivel a dilaceração das entranhas. E' este o libello, temos a velleidade de suppôr a defeza dentro das raiaes do possivel.

Penetremos no arsenal, onde procuram desorientados, a clava com que pretendem esmagar-nos. O que nos diz a historia? Que o imperio dos sentidos dominava, e como consequencia desta falta do ideal puro e sublime que só mais tarde atingiram os povos, naufragio completo da moral; monstruosa corrupção!

A mulher aviltando-se e aviltada; a familia uma deformidade, monstro gerado nas entranhas d'aquella sociedade enervada e decrepita.

Na propria Grecia, onde bebemos á longos tragos o nectar inebriante distillado por genios quasi divinos, em todas as manifestações da intelligencia, a mulher era immolada em holocausto á depravação atheniense, ou ao ardor bellico de Sparta, consubstanciado na monstruosa legislação de Lycurgo. Em Athenas ella foi adorada, talvez, e o cinzel dos grandes artistas talhou-lhe estatuas immorredouras. Mas essa adoração não era á mulher, era á sua belleza; não era á essencia, era á fórma. Este deslumbramento tinha por epilogo a orgia; esta mulher resumia-se em Phryné. Entre a mulher pagã e a mulher christã, ha um grande abysmo. A Grecia vê endeusada uma meretrez; a Judéa vê a mais bella e arrogante corteza rasgar as esplendidas roupagens, manchada pela ignominia da prostituição, e envolta nas vestes da humildade, orvalhar com lagrimas de eterno arrependimento, os pés do Filho de Maria.

E' pois um facto incontestavel o estabelecimento da familia

pelo Christianismo, que regenerando a mulher, imprimio-lhe a nobreza amortecida pela depravação dos costumes, e reivindicando seus direitos, creou os laços indissolúveis que a ligam ao homem, participando de todos os prazeres e maguas de sua atormentada vida.

Esta verdade, é forçoso confessar, não foi negada por A. Comte, illustre fundador da nova escola; mas seus discipulos, exagerando-o, negam-n'a, eis porque vimos em defeza da preciosissima joia, sobre a qual lobrigamos as garras empolgadoras.

Passemos em revista os principios arvorados pelo Christianismo em programma, atravez dos quaes o templo da felicidade humana ostenta o portico esplendoroso: Pregou a Liberdade, e fez vacillar, ante a magestade deste apanagio grandioso, o edificio da estúpida tyrannia a que os povos, enervados pelas deletérias exhalações do vicio, curvavam o dorso impotente.

Fez cessar o estado de constante guerra entre as nações, desfraldando a bandeira, tres vezes santa, da Fraternidade, generalisação sublime do mais puro sentimento que o coração humano alimentar pôde! Pregou a Igualdade, despedaçando as correntes que traziam milhões de seres jungidos ao carro ignominioso da oppressão.

Negar a grandeza deste principio, é retrogradar até Aristoteles, não o podendo, porém, procuram desmoriá-lo pela preocupação destruidora, amesquinhar-lhe o porte gigante. Dizem: — A egualdade christã é o communismo; é a inversão da ordem social!

A accusação nos parece irrisoria; a doutrina que nos impõe, como preceito inviolavel, o respeito ás acquisições de outrem, quaesquer que ellas sejam, com tanto que legitimas, é a negação completa desta aberração a que foram levados espintos, aliás aproveitaveis, pela superabundancia de oppressão.

Após esta rapida analyse vê-se que o Christianismo, encontrando a sociedade nas bordas do abysmo, desvendou-lhe os olhos á luz diaphana de principios que a tem guiado em sua marcha evolutiva atravez os seculos, e cuja immutabilidade parece-nos fatal, a despeito de toda e qualquer hostilidade philosophica. Como, pois, dizer-se que é antagonica com o progresso e a civilisação esta doutrina que tem como verdades que nenhuma philosophia, digna deste nome, poderá deixar de consagrar?!

III

Si quanto á parte doutrinaria não procede a accusação, vejamos se a parte dogmatica póde justificar-a. O Christianismo reconhece como principio creador e regulador do Universo, um ser infinitamente bom, conjuncto de perfeições, do qual o homem, rei da criação, é uma imagem, posto que pallida. D'ahi decorre um culto por meio do qual elle, o contingente, o imperfeito, presta adoração ao Creador de todas as cousas e delle procura approximar-se indefinidamente. Ora, reconhecida, como é, sua tendencia para o ignoto, e além disto tendo elle irresistivel desejo de aperfeiçoamento, sente necessidade deste principio que impõe-se facilmente á razão, em suas cogitações apoz a contemplação do mundo objectivo, e á cuja luz marcha desassombrado em sua rapida peregrinação pelo mundo. D'onde resulta que tendo um ideal, synthese de todas as qualidades perfectas e infinitas, procura attingil-o, aperfeiçoando progressivamente sua natureza moral e intellectual.

Desde que o culto a este ser conserve-se na esphera nobre e' elevada traçada pelo Christianismo, comprehende-se facilmente que jamais trará como resultado o aviltamento do genero humano, e o retrocesso da civilisação. Quanto ao dogma não ha pois ainda o preconisado antagonismo.

O Positivismo não podendo deixar de reconhecer a necessidade de um ideal para o espirito, tanto que crea-o na humanidade; estabelecendo um culto a seu modo apresenta, encarado sob este ponto de vista, a triste perspectiva d'aquelles que intentam reedificar uma monstruosidade architectonica, por sobre as ruínas de um grande edificio !

O ideal que apresentam, perfectivel, por tanto mutavel, todo de partes imperfeitas, participa das contingencias de onde procede. O culto a este Deus perfectivel está sujeito aos mesmos abusos que o da religião combatida. Nem ao menos nisso leva-lhe a nova escola vantagem !!

RODOLPHO PAIXÃO.

Rio, 1878.



O seculo XIX

I

Quando o espirito humano se embrenha perscrutador no labyrintho enorme do passado;

Quando, revolvendo as ruínas espalhadas pelo vento impetuoso dos seculos, vae disputar curioso aos monumentos carcomidos pelo tempo o segredo das gerações que foram;

Quando, compulsando attento as paginas do grande livro da humanidade, estuda, indaga e compara: reconhece, e não pôde deixar de reconhecer, o que é uma verdade profunda, evidente, axiomática: *o seculo XIX é o seculo da luz.*

Os factos comprovam, a consciencia attesta que ha uma força continua, um agente constante* que impelle a humanidade para diante: é a evolução, é o progresso.

Marchar, tal é a lei fatal da humanidade.

Quando a critica sagaz, lendo os caracteres mysteriosos das pyramides do Egypto, ou decifrando as inscrições enigmaticas dos monolithos, conhece do homem prehistorico;

Quando o philologo moderno, estudando as archeologias das linguas, comparando os seus elementos e meios rudimentares, aclara as theorias historicas e derrama um raio de luz atravez a noite escura do passado: é a marcha incessante da humanidade que se constata; é o passo colectivo do genero humano demonstrado pela sciencia.

E' Littré: *Quand je vous parle d'évolution et de progrès, c'est un phénomène naturel que je constate.*

O historiador que, atravessando no batel firme da critica, o oceano tempestuoso das idades decorridas lentas na ampulheta do tempo, vae estudar as causas primarias, as condições necessarias que determinaram que tal estado social fosse a consequencia de tal outro: e da comparação do passado e do presente, deduz a faculdade de predizer o futuro, dirá sem duvida, com a mais plena convicção, como o sublime autor dos *Miserables*: *o seculo XIX é grande, mas o seculo XX será feliz.*

E assim devera ser.

Do choque titanico do elemento barbaço contra o elemento romano; da luta gigantesca do espirito do christia-

nismo com o espirito do paganismo, do Deus misericordioso e democrata concebido pelo genio altivo do filho de Maria com o Jupiter colerico e sensual gerado pela imaginação ardente e febril do grego; do grande duelo entre o vigoroso imperio germanico e o apodrecido cadaver da Roma de Augusto; devia surgir esse longo periodo da vida dos povos, que não se define, e que se chama simplesmente — a idade media.

Vasto edificio gothico construido por uma cohorte numerosissima de operarios legendarios com um numero infinito de elementos heterogeneos.

Alluvião monstruosa de residuos amontoados pelo bulcão potente das idades, producto informe, descomunal da fusão de meios incompativeis.

Parece á primeira vista que esse longo periodo constitue uma verdadeira anomalia no estado perfectivel da humanidade, uma violação á lei do progresso, uma retardação no movimento continuo da sociedade.

Com effeito: a sciencia, envolvida nas dobras negras do habito infernal dos monges cadavericos, jazia sepulta nas profundezas tenebrosas dos conventos: Não era o sol a guiar os passos do homem, não era a luz na noite escura da vida, não era o orvalho vivificante do espirito.

Parece que o genio bemfazejo do futuro fugira apavorado.

Parece que a poesia ficara sepultada nas ruinas enegrecidas; e aos cantos heroicos de Homero, e á epopéa gigante de Virgilio succedera a luta sangrenta dos gladiadores na arena bestial.

Dir-se-hia que um abutre negro roia incessante o figado d'esse grande Prometheu.

A humanidade como que ficara estacionaria. Mas era o progresso latente, era o progresso statico permitta-se-nos a expressão.

Este céu tenebroso era o preludio de um grande dia; essas espiraes de fumo negro annunciavam proximo o surgir de uma luz esplendida e radiante. □ 53

Accumulavam-se os materiaes informes para a construção do edificio portentoso do futuro.

Ao movimento maravilhoso da humanidade, á essa luta terrivel travada entre o occidente e o oriente, luta empenhada em nome do Deus uno, da crença e do dogma; ao retinir das lanças lusidias d'essas cohortes de cavalleiros denodados

sob os muros lugubres de Jerusalem; ao grito de *Deus o quer*, proferido pelas turbas multas, que juncavam com seus cadáveres o solo da Asia: seguia-se o primeiro despertar do espirito humano, o primeiro grito da razão, quando os restos d'essas legiões guerreiras traziam consigo os thesouros da sciencia guardados lá nas regiões da Arabia.

As cruzadas, esse facto grandioso da historia, não são o resultado da superstição e do fanatismo dos povos, mas um grande passo dado pelo genero humano.

Ao labutar constante do espirito, aos esforços continuos do homem por conhecer dos mysterios escondidos no seio da natureza, deveu-se a descoberta maravilhosa de Guttemberg, facto sublimemente grande, verdadeira era, ponto de partida de uma época inteiramente nova, assignalada pelo progredir do mundo scientifico, e da republica das letras.

A imprensa foi a alavanca poderosa, que veio remover o obstaculo que impedia a marcha da humanidade, restabelecendo o dynamismo da força que se chama progresso.

Era ella que ia atacar, combater e vencer tudo.

Os empoeirados pergaminhos da sciencia, archivados nas escuras bibliothecas dos conventos, iam surgir á luz da publicidade, e seriam levados pela aguilha ativa de Guttemberg através a immensidade dos espaços.

A imprensa era uma arma poderosissima n'essa luta homérica em que se empenhavam o passado e o futuro.

Foi n'este periodo que um grande genio, um d'esses homens, que podem chamar-se instrumentos historicos porque servem para acelerar a marcha dos povos; surgiu como um astro rutilante em uma noite obumbrada ainda, e, novo Messias, annunciou em face da humanidade, a existencia de um—mundo novo.

Era Colombo, que escudado na descoberta soberana da sciencia, lançava-se nas dobras encapelladas do oceano revoltoso; e arrancava do manto tenebroso do incognito — a America — destinada á representar um papel tão importante no drama do futuro; a America que tinha de dar Washington para liberdade, e Franklin para a sciencia.

Apóz o fructo espantoso do filio de Moguncia, a razão sacode o jugo infamante que a opprimia, liberta-se da tyrannia do dogma, e proclama pela boca de Lutthero, um dos vultos mais venerandos da galeria das celebridades modernas, a sua liberdade e independencia.

A reforma era um phenomeno necessario da lei da evolução.

O espirito sentia a necessidade de quebrar os grilhões da cadeia de ferro, que lhe tolhiam os vãos.

Foi a primeira tentativa da independencia contra a oppressão da consciencia, contra essa violação manifesta da liberdade do eu.

O pensamento abria as azas, e como a aguia ia cortar o ceu azul do futuro.

Começava um periodo novo; do consorcio d'essas idéas todas devia surgir uma idéa mais estupenda ainda; da ligação d'esses elementos devia nascer um todo compacto, perfeitamente connexo, admiravelmente ligado.

Era o *seculo XIX*, edificio vasto soberboso, colossal; colisseu gigantesco cujos alicerces haviam sido solidificados por operarios ingentes.

Era o *seculo XIX*, templo sacrosanto, onde se ia venerar um Deus novo — a *humanidade*; onde se ia professar um culto — a *sciencia*.

Apóz esse longo periodo da idade media, quando a realleza apodrecida, covarde e effeminada, deixando-se cair do throno elevado dos Cesares, e sentindo desprender-se lhe da fronte a corôa aurea dos reis cabelludos; permittira que o feudalismo, esse systema politico que tinha por divisa — a ignorancia — e — a guerra — por programma, e cujos effeitos apreciaremos, se enraizasse profundamente no seio das sociedades firmando o seu predomínio sobre a impotencia dos povos embrutecidos pela escravidão;

Apóz esse longo periodo, digo, em que a aristocracia arvorara os seus estandartes bellicosos; os principios do cesarismo, consubstanciados pelo talento politico de um rei da França, e traduzidos na formula geral de todos os tyrannos — *l'Etat, c'est moi*, começavam á solapar o velho edificio do feudalismo, e a constituir a unidade da realleza, sonho constante dos Mazarino e dos Richelieu.

Entretanto em face d'esses poderes terriveis, apresentou-se um poder mais terrivel ainda. Ao mesmo ponto vinha applicar-se uma força capaz de vencer o systema das duas outras que actuavam sobre o corpo social: era o terceiro estado, era o povo soberano, e potente.

O edificio social ia reconstruir-se. Mas antes cumpria demolir; e Rousseau publicara o *contracto*, em quanto Voltaire o *Moyzes da incredulidade*, zombava do fanatismo, e despia no palco o manto negro dos hypocritas. O povo escrevia tambem

a sua epopéa, epopéa assombrosa, mais que dantesca, mais que homérica. Chamava-se revolução, chamava-se 89.

Sol esplendido que vinha surgir no céu da liberdade.

Chave de ouro, que vinha abrir as portas do século XIX.

E o povo entrava n'elle não subjugado pelo despotismo dos Cesares, não escravizado ao jugo dos grandes senhores; mas como estandarte sublime da philosophia moderna, com o código santo dos direitos do homem, e com a consciencia da sua grandeza.

(Continúa.)

LAURO SODRÉ.

Harmonia no estylo

(Continuação.)

Harmonia é, geralmente, o accordo perfeito das partes de um todo, e a ordem na disposição dessas partes. Nesta significação lata, o termo harmonia tem applicação a diversos phenomenos de que constitue propriedade particular; e, considerada em relação ás linguas é uma propriedade importante de cujo estudo depende o desenvolvimento e fixação do genio peculiar a cada uma.

A harmonia de estylo consiste no emprego e disposição das palavras convenientes ás imagens, idéas, sentimentos, etc., e a toda economia do discurso relativa á audição; resultando desta definição a divisão adoptada em imitativa e mecânica.

A parte mecânica, chamada euphonia, tem por objecto a escolha e combinação dos sons, o modo de facilitar as articulações e tornal-as agradaveis ao ouvido. Esta parte, dependente do conhecimento dos elementos physicos da lingua, é propria do grammatico. A parte imitativa estuda a similhança sensivel dos sons e movimentos, expressos pela palavra, com os da natureza e a analogia maios ou menos constante dos termos com os objectos, que designam. Esta divisão da harmonia, que tem explicação como methodo de estudo, não separa uma parte da outra, porque a harmonia mecânica, sem duvida influente e considerada como a melodia do estylo, torna-se muitas vezes imitativa; pois, sabe-se, que pela escolha e combinação dos

som produz-se a imitação; em segundo lugar a parte mecânica sendo, com poucas modificações, identica nas linguas derivadas da mesma fonte, não pôde constituir propriedade característica do genio de cada uma, ao passo que combinada á imitativa assignala phenomenos, característicos verdadeiros do genio da lingua.

Um facto de grande importancia tem mantido essa divisão: observa-se que, nas linguas latina e grega, a chamada harmonia imitativa tem maior influencia do que a mecânica, ao contrario das modernas em que é dominante a ultima. Este facto, devido ao caracter synthetico das linguas antigas, tem explicação na educação esmerada do ouvido a ponto de tornal-o arbitro, em ultima analyse, da conveniencia dos termos, quando estes mantêm real e sensivel similitude de som e movimento com os da natureza; nas linguas modernas, qualquer que seja sua origem, a onomatopoeia não pôde ser attendida em consequencia do desenvolvimento intellectual embryonario dos povos de então, e por isso ficou dominante a harmonia intrinseca á natureza da lingua. Todas as linguas neo-latinas são dotadas da grande propriedade de ser harmoniosas, em grãos diferentes, distinguindo-se, entre todas, a portugueza pelo genio imitativo dotado de uma virilidade propria da epopeia, que a eleva e symbolisa.

A linguagem, sendo, segundo um philologo, a pintura do pensamento, depende do genio e pensar do povo — *Qui pense noblement, parle noblement* (Voltaire); e as imagens serão tanto mais perfectas, quanto os sons mais convenientes; e por isso o caracter de um povo é o primeiro phenomeno influente na lingua que falla.

No genio, no caracter e nas idéas os Portuguezes sendo algum tanto conformes aos Latinos, a lingua herdou os mesmos meios de promover a harmonia, e adquirio o genio imitativo que lhe é proprio, ficando todavia distincta da latina e, em alguns pontos, superior.

A analyse dos elementos physicos da lingua portugueza descobre-nos tres fontes principaes para a harmonia — o som das vogaes e as articulações — o accentto das palavras e o accentto prosodico — as onomatopeias.

As vogaes não têm sons iguaes; formam uma serie gradativa de difficuldade na expressão, clareza, vibração e elegancia. O som do *a*, o primeiro da serie, parece destinado pelo ouvido para os accentos indeliberados, ternos, de dôr e alegria: os

poetas como Virgílio e Camões comprehendiam o effeito desse som quando escreviam:

Pallentes violas et summa papevera carpens

.....
.....

Mollia luteola pingit vaccinia caltha.

Andam pela ribeira alva, arenosa.

O som do *e*, o segundo na serie, é elegante, e combinado ao som do *a* tem grande effeito, como se nota em Camões:

« Era no tempo alegre, quando entrava

« No roubador da Europa a luz Phebéa. »

O som do *i*, o mais claro de todos, é elegante e de mais difficil expressão do que os sons do *a* e do *e*. O som do *o* é de alguma sorte magnifico, e tem a sua propriedade como sonoro:

Os altos promontorios o choraram.

(CAMÕES.)

O som do *u* é o ultimo da serie, e tem emprego especial. A combinação das vogaes não altera o som de cada uma, e modificando ligeiramente o som resultante deixa dominar o ultimo, perdendo-se na contracção o primeiro que é passageiro. Os sons nasaes são harmoniosos e de muito effeito que podem perder pela successão de uma vogal; e o seu effeito sonoro está na razão inversa da facilidade na ligação. Da escolha, variedade e combinação destes sons depende a euphonia, elemento essencial das linguas analyticas. As articulações, constituidas pelas consoantes, concorrem muito para a harmonia: ha articulações duras, ha articulações doces e sonoras; mas a dureza do discurso é proveniente da difficuldade, que sente o órgão na expressão, e não da natureza da articulação que, mesmo dura, pôde, imitativa, tornar-se harmoniosa. A pronuncia, serie de movimentos variados, segundo Marmontel, pôde, livre e desembaraçada pela combinação de articulações *sympathicas*, tornar-se de grande effeito; e a passagem brusca de um movimento a outro, ferindo o ouvido, é prejudicial: escolhe-se das articulações as mais facéis de expressão porque o órgão as execute com volubildade, combina-se ás duras á produzir a imitação.

Esta ligeira exposição dos effeitos, que podem produzir a combinação dos sons e as articulações, mostra o grande recurso

que têm os escriptores de, pelos elementos physicos da lingua, promover a imitação e a harmonia. A lingua portugueza possui outros dotes também contribuintes para a harmonia.

As desinencias dos vocabulos, contrahidos geralmente de palayras latinas, tem cada uma significação propria para certos fins; as desinencias dos augmentativos e collectivos são variadissimas: e neste ponto a lingua portugueza não tem rival; as desinencias dos diminutivos são proprias, graciosas e em numero variado, o que sem duvida concorre muito para harmonia. As palayras variam em accentos por tres modos — graves, agudas e dactylicas. Estas tres especies de palayras promovem em alto gráo a imitação e harmonia do discurso, como nos dá exemplos innumeraveis o grande poema de Camões.

O emprego das palayras agudas, mal bem definido por E. Leoni, é uma especialidade da lingua portugueza, que a torna vehemente e energica sem igual. Relativamente ao emprego do infinito pelo imperativo, herança advinda do latim, o genio imitativo da lingua é privativo e sem exemplo nas linguas modernas. As palayras dactylicas correspondem a uma sustentação da harmonia pela imitação: estas palayras tem frequente emprego nas descrições de scenas magnificas, na referencia de factos extraordinarios, etc.; enfim, em tudo que nos póde causar admiração, o seu emprego é util.

Camões, como grande conhecedor que era da lingua, servio-se admiravelmente da propriedade dessas palayras. As palayras graves são as de que naturalmente nos servimos, porque correspondem á emoções tranquillias ou á factos de que não nos admiramos pela pouca influencia em nos exercida; com tudo a lingua ainda possui, para distinguil-os, terminações proprias aos diversos grãos de emoções que podem-nos excitar. A harmonia, produzida pelo emprego destas palayras, póde ser apreciada em diversas passagens de eminentes escriptores e principalmente no *Lusiadas*.

Esta propriedade das palayras accentuadas, base essencial da harmonia, é na lingua portugueza uma fonte perenne de riqueza para o estylo; a magestade, que possui a lingua, póde ser considerada como resultado dessa propriedade; a solemnidade, em que se transformára a magestade do latim, e que dá á lingua o característico de ser propria para a epopeia, por certo teria menos resultado em falta de palayras accentuadas; e embora a harmonia e todas as propriedades de uma lingua dependam, em sua manifestação, do genio do escriptor, é

certo que a aridez e insuficiência da lingua inutilisam o genio especial do escriptor, quando não se coaduna com o caracter da lingua, e haja exemplo na lingua franceza, que até hoje se tem conservado fria na epopéa. O accento prosodico, que, nas linguas modernas, não gosa de grande influencia, exerce na portugueza funcções importantes; o encanto, que a quantidade fornecia ao latim, pôde ser produzido em menor escala, pelo accento prosodico, o que é de summa vantagem para a poesia, acquisidora assim de novos recursos para seu desenvolvimento.

A onomatopéia é, na lingua portugueza, o que ha de mais especial, e constitue uma fonte de harmonia imitativa que não dispõem as outras neo-latinas; mas na insuficiência de palavras onomatopaicas, ainda estão, no genio imitativo da lingua, as syllabas onomatopaicas, quando coincidem com as predominantes. Esta propriedade torna a lingua affectuosa e expressiva variando a harmonia por um modo indefinido; entretanto, da collocação das palavras depende muito o effeito da onomatopéia.

Pelo exposto vê-se que a harmonia é uma propriedade manifestada por um phenomeno muito complexo, para o qual concorrem muitos outros da mesma natureza, que, a seu turno, são característicos da lingua.

A. S.



Agar

A' T. B. GUERRA

Sob a palmeira esguia do deserto
Sentou-se a triste escrava, contra o seio
O caro filho aperta, e o pranto corre
Dessa face de mãe, que tudo esquece
P'ra só pensar no filho estremecido,
Que soluçante ao collo se lhe prende,
Sem já poder fallar, morrendo á sede!
Ai! como a pobre escrava contemplava
A savana ainda, immensa!

Nem doce viração, nem um perfume
Trazido dos oasis sobre as azas
Da brisa perfumosa, que a miserrima
Se deleitava outr'ora, quando infante,
A ver brincar-lhe á tarde entre os cabellos !
O arroio, que as aguas arrastava
Sobre o verde esmeralda da campina,
Vinha em doces lamentos segredar-lhe
Mil strophes de amor, que ella escutava,
Sentindo-se enlevar entre harmonias !

Nesses tempos, menina, ella corria
Entre as flores brilhantes, que espontaneas
Brotavam na devesa dos caminhos,
Corria, qual um passaro assustado,
Si acaso o colibri, louco de amores,
Perseguindo-a tenaz, enamorado,
As azinhas batia, esvoaçando
Em redor da cruel que lhe fugia !

Sua mãe a chamava, lhe dizia :
— Que receias, ó filha, faz-lhe afagos ;
Não o vês teus carinhos implorando ?
Os zelos o consomem, tuas flores
Elle inveja, e se carpe que de mimos
Não o cubras tambem, porque é bello.

E os dias lhe sorriam tão fagueiros !
Tão cheios de alegria e de innocencia !
O riso lhe brincava sobre os labios
Como a debil phalena, caprichosa,
Em noites de verão brinca ao luar !

Um dia despertou—era uma escrava !
Nas sombras do horizonte o seu Egypto
Inda poude entrever, que se sumia,
Qual em nevoas de lucidos vapores
Meteóro fugaz que se esvaéce !

Era escrava a infeliz ! sonhos doirados,
Chimeras, illusões da prima idade,
Tinham fugido p'r'os incultos ermos,

Onde ella vira outr'ora o sol nascente
Mandar um raio, tibiente ainda,
Brincar no azul do Nilo adormecido !

.

E agora vê-se Agar, que no deserto,
Já lagrimas não tem para verter !
Desvia o olhar do filho de su'alma,
Que estende-lhe os bracinhos a gemer !

Ai, entranhas de mãe ! quem é que póde
Sentir d'um entesinho soffredor,
O gemido tão fraco, que não võe
A beijal-o, a cobrir c'o seu amor !

Ai, a misera Agar ! indefiniveis
Os olhos de expressão erguen p'ra Deos !
Fervente uma oração transpoz-lhe os labios,
Perfumada de amor subiu p'r'os céos !

.

Ouvira o Creador a prece afflicta
Ou o gemido innocente da criança ?
Uma e outro, talvez—d'arida rocha
A agua em borbotões subito jorra !
O archanjo do Senhor, de pé, sorrindo,
Apontava p'ra limpida torrente
Como a esp'rança que mostra-nos a vida
Apés um tormentoso agonisar !

LEOPOLDO CHAVES

1877

Chronica

Tinhamos deixado na gaveta os folhetenistos do *Cruzeiro*.
Mas *Eleazar* com o seu cão de lata ao rabo desarmou-nos
completamente. Em attenção á elle os Srs. *Sic* e *Amen* não

levaram os piparotes promettidos. Mas regamos-lhe encarecidamente que se dignem de ter mais graça em seus rodapés. Ou então que façam prurido nas costellas do leitor, não ha outro meio.

*
* *

Nós respeitamos todas as convicções sinceras; mas se o Sr. Cardoso de Menezes está sinceramente convencido de serem os seus escriptos outros tantos monumentos de observação e atticismo, nesse caso damos-lhe cordialmente uma vaia. Se fossemos um Linneu litterario o classificariamos: escriptor de sanguefrio e branco.

*
* *

Estamos em maré para folhetins, e isto explica-se pelo caracter litterario dessa Revista. Lembra-nos agora os do Dr. Arthur de Oliveira na *Gazeta*. Devia-os intitular—por páos e por pedras.

Quando os lemos vem-nos á cabeça um *tohu-bohu* extravagante. Crepitações de fogueira, rojões de dois, tres e quatro arrancos, perfumes que suffocam, lagrimas de varias côres, e subitamente um colossal dithyrambo estribilhado por phantasticos *zé-pereiras* com grande numero de bombos e pratos rachados.

O pio leitor, afreguezado com as feijoadas do Sr. França Junior, fica aturdido em meio d'aquelle doido fandango de citações historicas, pre-historicas, sub-historicas e hyper-historicas. E não podendo penetrar a coisa, fica a dizer apatetado: Mas onde está o gato? Nós porém que somos impio, bradamos com força: "Irrá! oh! musa saturnal qu'inda has de um dia estafar como o cavallo de Beduino. Irra! oh! cabeça qu'inda um dia has de pipocar como uma melancia em tempo de canicula!"

*
* *

Um amigo, pessoa pouco fideligna, afiançou-nos que o Sr. França Junior foi á Europa trocar pernas, subvencionado pelo augusto bolsinho da *Gazeta*. Se assim fôr, o Sr. França é decididamente quem brilha.

*
* *

N'uma casa de negocio sita á rua 1º de Março n. 60, lê-se—Arthur Azevedo e Ca.

Tivemos impeto de lançar mão de giz ou carvão e subscrever alli mesmo—“fabricantes de parodias, magicas, bambochatas, etc. Calembourgs á la minute. Breveté e chiste! Chega, freguez.” Ninguém dirá que erravamos. Estragar tanto talento para vir a ser o *enfant gâté* de um publico absurdo, elle, que mais que outro estava nos casos de.... (que diabo iamos nós fazer?)..... á scena o Arthur!... á scena o Basques!

*
**

Ouvimos fallar que os Srs. Garrido, A. Azevedo e V. Coaracy pretendiam promover a regeneração do theatro nacional; essa vem de *carrinho*, como dizia um tio nosso que Deus haja. Verificamos depois que—A *Regeneração do Theatro*—é uma *borracheira* em 3 actos e 15 quadros, na qual o Vasques apresenta meia duzia de caretas novas, cada qual mais original e pifia.

*
**

Para refrescar o humor, ahi vai uma anedocta, que de certo todos conhecem; mas o que ninguém conhece é o heróe della. Pois bem, o heróe é um primo do Agra; não declinamos seu nome com receio que elle nos quebre, não a typographia, que não temos, mas os ossos.

Esse primo do Agra era instructor de recrutas. Berrava elle: “A marcha é sempre rompida com o pé esquerdo... ordinario, marche!” Um bisonho troca o passo, de sorte que apparecem duas pernas unidas. Então o primo do Agra zurra com monumental arrogancia: “Qual foi o burro que marchou com os dois pés ao mesmo tempo?...”

*
**

Quem quizer conhecer o que é *sabença* em critica litteraria, leia o folhetim do *Jornal do Commercio* de 10 de Abril, sobre o romance — Primo Basilio.— Olhem que o autor emperdigou-se ali em critica, critica. Parece incrível. sim senhor, mas vá ver. Este Sr. *Sem malicia*, musicalmente fallando, tem uma orelha em terra de surdos; mas entendeu enristar a lança e

penetrar terreno que nunca explorou!... *Ne sutor ultra trepidam.* (1)

*
**

A *Republica* é a *amabilidade* em forma de gazeta, que vive a nos fazer fosquinhas. Mas esse namoro já tem-se tornado escandaloso e convém acabar com elle. Tentemos, pois, applicar-lhe um temível piparote.....

Francamente, não achamos pretexto.

*
**

Para o proximo numero emittiremos nossa opinião sobre a magna questão — metallico-fiduciaria.

E' claro que temos licença do Sr. bacharel Ramos de Queiroz.

U.

Rectificação

No artigo intitulado "A poesia do seculo XIX", publicado no 3º numero desta revista, notam-se alguns erros typographicos, dos quaes torna-se necessario que não passe sem a devida correção o seguinte: — A' pag. 59, l. 21, onde se lê: e que enerra, etc.; leia-se: e do que enleva, etc.

Imprensa

Recebemos e agradecemos a delicadeza da remessa, os seguintes jornaes: *O Seculo*, *Colombo*, *Mosaico*, *Ouro-Pretano*, *Illustração Brasileira*, *Progresso Litterario*, *Domingo*, *Gazeta de Campinas* e o *Onze de Junho*.

(1) Salvo o latim.

Frederico Ribar de Almeida

ASSIGNATURA

Anno.....	6\$000
Semestre.....	3\$000
Numero avulso.....	\$500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113